

A Estrutura Mórfica dos Neologismos em *Tutaméia*¹

Ana Maria Carvalho, Universidade da Califórnia em Berkeley

Este trabalho² pretende desenvolver uma análise morfológica dos neologismos encontrados em *Tutaméia*. Serão considerados todos os contos onde houver neologismos que sirvam para exemplificar processos de formação de palavras em português, com exceção dos prefácios, por terem características e funções diferentes. Limitar-nos-emos aos principais processos de formação de novas palavras, isto é, aos de mais alta produtividade na língua portuguesa: derivação e composição. Estes processos, quando usados em linguagem literária, prestam-se geralmente ao emprego estilístico, no sentido de dar à mensagem maior força expressiva. Em *Tutaméia*, este aspecto estilístico é ainda mais evidente, pois contribui com a intenção de reduzir ao máximo a linguagem dos contos, de maneira a apresentar um campo fértil para uma análise desta natureza.

A fim de desvendarmos os processos usados por Guimarães Rosa na criação dessas palavras, compará-los-emos com as possibilidades que o idioma oferece neste âmbito. Ou seja, classificaremos as palavras não dicionarizadas encontradas em *Tutaméia* com base em estudos da morfologia derivacional e composicional do português contemporâneo. Creemos que, através da revelação desses processos, poderemos entender melhor como este autor logra, com inovações lexicais, uma linguagem mais expressiva que a comum.

Guimarães Rosa figura, dentro do quadro dos escritores brasileiros, como o autor que mais revolucionou a linguagem literária, aquele que, ao fazer escolhas entre as possibilidades das quais a língua dispõe, conseguiu produzir obras de aspectos estilísticos inéditos. O autor fez uso de seu agudo

instinto lingüístico que, adicionado ao seu profundo conhecimento do linguajar sertanejo, resultou num texto que recupera inédita oralidade. A flexibilidade do autor ao lidar com a palavra causa no leitor perplexidade e impacto, pois são raras as páginas nas quais não se encontra uma novidade que faz com que o leitor participe no ato de criação, na medida que desvenda os processos usados pelo autor.

As inúmeras inovações lingüísticas, responsáveis pelo estilo *sui generis* de Guimarães Rosa, foram se radicalizando ao longo de sua produção literária, e chegaram ao seu ápice na coletânea de contos *Tutaméia*, sua última publicação em vida, representando um “microcosmo” de toda sua obra. Estas mini-estórias foram primeiramente publicadas no semanário médico *Pulso* por volta de 1965, e transformadas nesta coletânea dois anos depois. Os contos extremamente curtos, em sua maioria de 3 a 4 páginas, contém tal dose de síntese que levou Paulo Rónai a classificá-los de “romances em potencial reduzidos ao máximo” (150). O tamanho reduzido dos contos é atribuído ao espaço cedido pela revista onde foram publicados, fato esse que levou o autor a um exercício de síntese, o qual resultou em estórias com o mínimo de palavras e o máximo de expressividade.

O autor logrou tal estilo através de experimentalismos em diversos níveis estilísticos. A nível sintático, são inúmeras as renovações do grupo fraseológico: inversão de ordem, interfunção de categorias gramaticais, acumulação de termos, elipses, etc. O próprio sistema de pontuação logra representar um ritmo mais oral e expressivo

que meramente ortográfico, através de constantes isolamentos de palavras e expressões. O universo lexical destes contos é permeado de arcaísmos, brasileirismos, regionalismos, indianismos, termos médicos, botânicos, etc. As alterações fonéticas criam a ilusão de um dialeto visual que visa a oralidade. No entanto, é a inovação de ordem morfológica, na formação de neologismos através de processos de derivação e composição, um contribuinte fundamental ao estilo conciso e muito expressivo da linguagem de *Tutaméia*, o qual, juntamente com a sintaxe entrucada por frases curtas, recupera a oralidade do discurso. Esta linguagem que, como descreve Novis, “põe em cheque a qualidade da quantidade enfatizando e valorizando o mínimo, o quase nada” (22) é alcançada através de um trabalho artesanal na formação de palavras, onde derivações e composições substituem sintagmas e até mesmo orações inteiras.

O resultado destes processos de criação de palavras é um vasto inventário de palavras inéditas ao leitor comum, as quais trataremos de neologismos. Entretanto, tratar todas as palavras não dicionarizadas de neologismos nos remete a uma questão central da obra rosiana: a de saber onde acaba o uso de termos próprios das falas regionais, e onde se iniciam invenções baseadas em processos formativos produtivos tanto no sertão como no português em geral. Ward, mesmo depois de um intensivo trabalho de campo no norte de Minas, afirma: “É verdade indiscutível que Guimarães Rosa criou e recriou muitas formas léxicas sendo difícil porém, separá-las de outras que apropriou da região” (33). Diante desta dificuldade, consideraremos neologismos as palavras que, por serem puras criações do autor ou regionalismos deixados de fora, não estiverem registradas no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Hollanda, 1986.

Distinguir os neologismos dos regionalismos é difícil porque, os anos que Guimarães Rosa passou no sertão, ouvindo histórias e tomando notas, foram essenciais para seu

conhecimento da linguagem sertaneja, tanto de seu arsenal léxico como também de sua maneira de criar, adicionar, substituir e subtrair morfemas das palavras, de manipular e inovar a língua dentro de certos processos produtivos, captando o processo criativo oral do sertanejo. Tão fundamental é a contribuição dos neologismos em *Tutaméia*, que o autor dedica um de seus prefácios “Hipotrérico,” a sua defesa, glorificando a palavra inventada, e nos remetendo a arte de usá-la do sertanejo, ao dizer: “Pelo que, terá de ser agreste ou inculto o neologista, e ainda melhor se analfabeto for” (77), e definindo sua função, ao estabelecer que uma das condições para a criação de um novo termo seja a “de tapar um vazio” (77).

Os neologismos encontrados ao longo desses quarenta contos variam entre os que comunicam seu significado de maneira muito transparente, pois são palavras possíveis no consciente do leitor, que passam despercebidas deixando um tom de coloquialismo, até formações obscuras, que requerem mais reflexão para serem compreendidas, e convidam o leitor a participar no seu processo de criação. A maioria, porém, pode ser compreendida a primeira vista, porque Guimarães Rosa utiliza processos produtivos e elementos conhecidos, despertando no leitor a capacidade de compreender formas nunca antes vistas, mas que revelam possibilidades latentes do idioma quanto à formação de palavras. Estas inovações contribuem tanto para a densidade expressiva das palavras, devido à síntese de significados, como para criar uma ilusão de oralidade, decorrente do uso de formações análogas.

Passemos agora à análise em si, em forma de catálogo comentado, onde os neologismos serão classificados de acordo com os princípios da análise mórfica, a saber: (1) derivação prefixal, sufixal, prefixal e sufixal, e regressiva; (2) composição (justaposição e amálgamas); e (3) outros processos de formação de palavras, como a reduplicação. Durante a discussão destes processos, ilustraremos cada um deles com um exemplo, seguidos de um

mínimo contexto e suas respectivas referências. Infelizmente, foi necessário selecionarmos somente alguns poucos exemplos dentre os disponíveis, devido a limitações de espaço cedido pela revista. As palavras em questão estarão em itálico para que sejam mais facilmente localizadas.

1. Derivação:

Muitos dos neologismos de *Tutaméia* são resultados de processos da morfologia derivacional, pois através da agregação de prefixos e sufixos, Guimarães Rosa forma palavras novas mudando ou enriquecendo a conotação de formas populares.

1.1 Derivação Prefixal:

A adição de prefixos a bases na formação de palavras é um processo muito produtivo na história da língua portuguesa. Os prefixos não alteram a classe de palavras de base como será visto na adição de sufixos. No entanto, estes morfemas funcionam como modificadores da significação primitiva. Baseamos nossa discussão sobre as diversas funções semânticas dos sufixos nos significados destes apresentados por Cunha e Buarque de Hollanda.

a— Ao prefixo **a—**, como a muitos outros, pode-se atribuir mais de um significado. Alguns neologismos foram encontrados usando este prefixo. Em nosso exemplo, **a—** contém significado de negação: “Demonstrando-o, *amatemático*, contrário ao público pensamento e à lógica” (49).

de— Buarque de Hollanda define o prefixo **de—** com a função de significar movimento de cima para baixo, como se pode ver em algumas formações neológicas, entre elas: “*Depassou* volumes de rochas erguidas e lages de empilho” (51).

des— O prefixo **des—** está presente no maior número de neologismos formados pelo processo de prefixação, sendo que foram encontrados em 24 dos casos. É usado com maior frequência com a função de negar o significado da base, como em: “porque o compadre era prático de bronco, na

desalegria, não avistava o sutil de viver” (108). Ou o reestabelecimento de uma situação anterior, em “*dessurdo*, escutou” (136). No entanto, **des—** adquire outros significados, como o de intensidade, em “feito os dedos das mãos, *desirmãos*” (206).

en— O prefixo **en—** foi detectado uma só vez, com o significado que Cunha traz, de sentido de posição interior, movimento para dentro, como é óbvio em “*Encismava-se*: feito alguma coisa houvessem tomado ao animal” (146).

in— O prefixo **in—** apresenta três realizações morfofonêmicas: **in—**, **im—**, e **i—**. Nos contos analisados, foram encontradas todas estas variantes, com o sentido de negação do conteúdo semântico da base, como por exemplo em: “ao *infalir* de Deus, por Santo incógnito” (27). Neste exemplo o verbo “*infalir*” permite duas etimologias, pode tanto ser resultado de um processo de derivação regressiva oriundo de “*infalível*,” como da adição do prefixo “*in—*” a base “*falir*”. Esta ambigüidade ocorre com muitos outros neologismos encontrados.

No exemplo seguinte, encontramos o uso do prefixo **in—** com um significado distinto dos anteriores, pois atribuí à base um sentido derogativo, que possivelmente poderia ser substituído pelo advérbio “mal,” em: “Exceto que em domingos e festas *improcedia*, esbarrava” (89).

re— O morfema **re—** forma o prefixo que, depois de **des—**, aparece com mais frequência (quatorze vezes). Sua função majoritária nestes contos é a de evitar locuções do tipo “de novo,” “outra vez,” dando à palavra-base o sentido de repetição, como nos seguintes exemplos:

Reenchia-se a lua, por aqueles dias. . . (27)

Eu *redizendo*. . . (44)

o *relembramento*. . . (194)

trans— O prefixo **trans—** remete geralmente a idéia de deslocamento, de “através”, que com o clítico “*me*”, adquire o significado

de “para mim” em: “*Transmentiu-me: o embeijo*” (156).

Estes exemplos nos mostram como a derivação prefixal nos contos de *Tutaméia* revela um desejo de economia discursiva. Alves (29) propõe uma análise de sufixação em termos de gramática gerativa, onde se pode dizer que na estrutura profunda, as frases desprovidas de prefixos são mais complexas e mais longas, enquanto que na estrutura de superfície, os prefixos as tornam mais econômicas. Deve-se adicionar à função de economia, de vital importância à linguagem destes contos, a função expressiva que estes sufixos trazem à mensagem, através do inusitado dessas derivações. No entanto, como já foi observado por Daniel (35), a maior frequência dos prefixos **re—**, **de—**, e **des—** justifica-se pelo fato de que estes são também os prefixos mais usados na linguagem coloquial. Ou seja, o autor logra dar às palavras vida nova, novos significados e formas, ao usar recursos primários e correntes.

1.2 Derivação Sufixal

A adição de sufixos derivacionais à base é um processo mais criativo e expressivo que a derivação prefixal, quer pela variedade de conotação que muitos deles sugerem, quer pela capacidade de mudar a classe gramatical dos radicais que os precedem. Sandmann (1991) reforça a importância deste processo na criação de expressividade ao declarar que “os sufixos derivacionais se prestam frequentemente ao emprego estilístico, isto é, à expressão da emocionalidade, emprestando à mensagem maior força comunicativa” (29).

1.2.1. Diminutivos

Os diminutivos, assim como os aumentativos, representam uma variedade de valores afetivos. Em *Tutaméia*, a adição destes sufixos é responsável por uma gama razoável de conotações diversas resultantes deste processo. Entre muitas opções, Guimarães Rosa escolheu quatro destes sufixos.

—**inho** O sufixo diminutivo —**inho**, o mais produtivo, cria um efeito irônico quan-

do anexado ao aumentativo —(**z**)**arrão** de “homenzarrão” no seguinte exemplo: “Joãoquerque, avergado *homenzarrinho*” (60).

Os sufixos diminutivos —**ote**, —**ete**, e —**oco**, não tão produtivos, foram usados com conotação pejorativa, em:

Romão, neão, condiçoado,
normalote. . . (205)

os vaqueiros repeliam esses
malandretes. . . (209)

Sorocabano Lopes, *velhoco*, o das
fortes propriedades. . . (57)

1.2.2. Formação de Substantivos Abstratos

Muito comum é a mudança ou agregação de sufixos para a formação de substantivos abstratos na linguagem popular.

—**ácia** Este sufixo é responsável pela mudança de adjetivos a substantivos, e transforma, no exemplo seguinte, o adjetivo “mirífico” (maravilhoso, extraordinário) em mirificácia: “O método moveria Deus, ao som de sua paixão, por *mirificácia*” (105).

—**ção** O sufixo —**ção** se presta à conotação de ação repetida ou insistente, como é claro em: “Delírios de paixão, *cobição*, por querer, demais, avistar a mulher” (20).

Como sufixo produtivo na formação de substantivos derivados de verbo, encontramos seu uso em: “. . . louvou e premiou Melim-Meloso, naquela *domingação*” (106). Aqui, o substantivo “domingo” parece ter sofrido verbalização: *domingar*, e logo, com o sufixo —**ção**, passou a substantivo novamente.

—**es/eza** O uso dos sufixos —**es** e —**eza** parece ser, mais uma vez, consequência de analogia quando substituem outros sufixos já sistematizados, resultando em formações irregulares, e típicas do linguajar popular, como em:

espia com *sem-vergonhes* as
ciganas. . . (210)

(em vez de “sem-vergonhice”)

O moço se despedia, sem *brusqueza*. . . (114)

(em vez das formas dicionarizadas “brusquidão” ou “brusquidez”).

E logo, é usado na formação de um substantivo com base adjetival em: “Tanto valor de canseiras e *lenteza*, fazendo marcha” (207), em vez de “lentidão.”

1.2.3 Formação de Adjetivos

Os adjetivos novos encontrados nos contos são formados geralmente de substantivos ou verbos. Alguns, no entanto, derivam de adjetivos, os quais, com a troca de sufixos, alteram a subcategoria semântica da base. A formação deste último tipo é encontrada em alguns exemplos, sendo todos resultados da troca de um sufixo por **—oso/a**, como em: “Ipanemão pendeu o rosto, desditado, os instantes *hesitosos*” (62), onde “hesitosos” substitui “hesitantes.”

Este sufixo é também usado na formação de adjetivos formados de base substantiva, como em: “Tinha de ali agitar os pássaros, *mixordiosos*, que tudo espevitam” (195). O substantivo “mixórdia,” segundo Buarque de Hollanda, significa “mistura desordenada de coisas diversas, confusão, embrulhada,” neste contexto, atribui-se aos pássaros o sentido de “alvorçados.”

Outros sufixos são usados na formação de adjetivos denominais:

—udo Segundo Cunha, os sufixos **—udo/a** são documentados na formação de adjetivos oriundos de substantivos, com a noção de “provido ou cheio de,” como no exemplo seguinte: “manuseava a cara dela, oitivo, *dedudo*” (20).

Ainda na formação de adjetivos derivados de substantivos, encontramos:

—ista que, adicionado ao substantivo “proeza,” significa uma pessoa com habilidade ou inclinação para a proeza: “Popeiro *proezista*, de levada, estava ferido” (32).

—al O sufixo **al-**, na formação de adjetivos, traz, segundo Cunha, a noção de relação,

pertinência. Qualifica, em “gargalhal,” o tipo de risada: “faziam-no rir a pagar, não risada *gargalhal*” (103).

—oso/a São os sufixos que, segundo Sandmann foram bastante produtivos em latim, e significam “estar provido de,” “cheio de” (*Formação* 62). É encontrado nos contos como sufixo adjetival em base nominal: “se avistava, na seca, ilha-de-capim, antes da maior, inteira croa mouchado, *florestosa*” (153), e ainda em base verbal, como no exemplo seguinte, derivado do verbo “traspasar,” ou seja, “passar além de”: “nela topava ou relava, às tortas de labirinto, *traspassoso* o quintal que nunca terminara” (60). **—eso** Este sufixo, já não muito produtivo, adere-se no texto ao verbo “tiritar” (tremor ou bater os dentes com frio ou com medo), em: “Sem pejo ou vacilar, começou, rezando errado o padre-nosso, porém afirmadamente, pio, *tiriteso*” (26). Podemos ver também, como resultado desta derivação, a presença do adjetivo “teso.”

Finalmente, observamos a formação de adjetivos através dos sufixos formadores de participípios passados regulares, **—ado** ou **—edo**, os quais são usados, nos exemplos seguintes, na adjetivação de substantivos, e não de verbos, como é comum no português contemporâneo. Como por exemplo, de “grinalda,” obtém-se, como resultado de derivação parissintética, “engrinaldada,” dando ao radical a conotação de abundância: “Drizilda adiante, com a *engrinaldada* cruz” (24).

Muito interessante é a formação abaixo, onde “alfabetizado” foi substituído por “abecedado,” como derivação de “abc”: “Era homem entendido de si, sua noção *abecedada*, a ver verdades” (91). Uma segunda interpretação é a possibilidade de ser este um derivado de “abc,” nome dado a um tipo de poesia comum na Bahia discutida por Trigueiros.

1.2.4 Formação de Verbos

As formações de verbos derivados de substantivos ou adjetivos podem se dar através de sufixos das três conjunções:

—**ar**, —**er**, e —**ir**, além dos alomorfes —**ear**, —**ecer**, e —**izar**. No entanto, foram encontrados no corpus somente verbos formados pelo único sufixo atualmente produtivo com esta função, o —**ar**:

ar- Do adjetivo “soberbo,” (mais alto; orgulhoso; grandioso), derivou-se “soberbar” em: “Seô Tomé se *soberbava*, lavava com sabão o corpo” (18).

Do adjetivo “borralheira” (que sai pouco de casa, que gosta de ficar junto ao borralho, na cozinha), derivou-se “borralheirar”: “De vê-la a *borralheirar*, doíam-se, passarinho na muda” (23).

Derivado do substantivo “sanha” (ira, rancor), temos: “*Sanhavam* por puni-los, pegados” (71).

1.2.5 Formação de Advérbios

O sufixo —**mente** é produtivo na formação de uma variedade de advérbios. Entre muitas ocorrências, destacamos o exemplo seguinte cujo sufixo, combinado a um adjetivo, tem a função de advérbio de modo: “E *velhamente*. Falava, lembranças da meninice” (113).

1.3. Derivação Prefixal e Sufixal

Observamos já alguns exemplos de palavras formadas tanto por prefixos como por sufixos. Resta-nos, no entanto, mais um exemplo desta natureza, onde o prefixo **re-** é anexado à palavra “folhagem,” derivada de folha, através da adição do sufixo —**agem**, em: “Até assim ramas e *refolhagem* verdeando com luz de astúcias” (51).

1.4 Derivação Regressiva

A derivação regressiva, cujo processo é contrário aos vistos até aqui, consiste em criar palavras novas através da eliminação de um morfema, dando origem a palavras mais breves. Na formação de substantivos deverbiais, a desinência verbal do infinitivo e a vogal temática do verbo são substituídas pelas vogais temáticas nominais —**a**, —**e**, e —**o**. Este processo é detectado no seguinte exemplo, onde do verbo “chuchurrar” (beber a goles), deriva-se o substantivo “chuchurro,”

em: “O sujeito chupado de amores, de *chuchurro*” (58). Como os outros exemplos vistos até agora, os derivados regressivos refletem também processos populares.

Estes processos da morfologia derivacional, discutidos acima, resultam em uma linguagem concisa e ao mesmo tempo expressiva. O autor demonstra insatisfação com as formas dicionarizadas e adota formas novas à procura de síntese, que resultam, através das alterações semânticas provocadas pela prefixação e sufixação, juntamente com as inovações a nível sintático, em uma gama de inovações lingüísticas responsáveis pela expressividade da linguagem de *Tutaméia*.

2. Composição

A composição apresenta, ao lado da derivação, um dos importantes processos de criação de palavras novas nos contos de *Tutaméia*. Enquanto a derivação se apóia em significados pré-estabelecidos de sufixos e prefixos, a composição combina radicais lexicais com autonomia semântica, os quais, juntos, criam um terceiro significado, agora com um sentido de conjunto. Um composto pode condensar uma frase ou uma locução, em duas ou três palavras. Este processo morfológico se dá de duas maneiras: (1) por justaposição, ou seja, quando os vocábulos que se combinam são colocados lado a lado, mantendo sua autonomia fonética, e (2) amálgamas (ou “portmanteau”), que são vocábulos que se fundem num todo fonético, com um único acento. Os compostos apresentados abaixo são de natureza edocêntrica, ou seja, sua referência é encontrada no próprio contexto, e não em fatores culturais, como é o caso de compostos já não neológicos.

2.1 Justaposição

Várias classes gramaticais podem justapor-se, formando compostos. Podemos ver nos exemplos justaposições de substantivos, adjetivos, verbos, e casos onde há a união de classes diferentes.

2.1.1 Substantivos Compostos

Os substantivos compostos podem ser de ordem coordenada ou subordinada. Destacamos, a seguir, um exemplo de substantivo composto copulativo, onde as palavras “pompa” e “farra” são combinadas: “Saíam embora agora, adeus adeus, à *farrapompa*” (71).

2.1.2 Verbos Compostos

Observa-se, nos compostos de verbos, uma relação de subordinação semântica do primeiro verbo em relação ao segundo, como em: “Acordou, no *tremeclarear*” (136).

2.1.3 Aglutinações de Classes Gramaticais

Pode haver, também, aglutinação de classes, como a combinação de adjetivo e substantivo, na ordem neo-clássica, no composto que descreve a maneira que o personagem Quim é descrito durante sua lua-de-mel: “*felizquim*” (124).

2.2. Amálgamas

As amálgamas, soldagem de palavras-bases que resulta em um terceiro segmento, distinto tanto fonética como semanticamente dos elementos de origem, são usadas frequentemente nestes contos. Revelam, como ressaltou Martins “criatividade, espírito, e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação” (123). Vejamos algumas destas combinações.

“Fraternidade” e “ternura” formam o composto “*fraternura*” em: “Sentado a dois, ombro com ombro, a fim de arredondados suspiros ou vontade de suspirar. Ternura sem tentativa —*fraternura*” (27).

Ao descrever as canoas que se distanciam, “sós” e “longes,” o autor cria “*soslonge*” em: “cheias de rude gente à grita, impelidas no reluzente —de longe, *soslonge*” (31).

A composição dos verbos “vogar” e “vagar,” semelhantes fonética e semanticamente, resultam em “*vogavante*.” Além da possibilidade de composição destes dois ver-

bos, tem-se a composição do verbo “vagar” com o substantivo “voga,” que segundo Buarque de Hollanda, significa “o remador que lidera a embarcação”. Observa-se esta composição em: “Hetério comandava-as, definitivo severamente decerto, sua figura apropriada, *vogavante*” (32).

Resulta em um efeito cômico a adição do radical “abuso” no composto já dicionarizado “usofruto”, em: “chegou a maldizer de seus próprios e gratos *abusofrutos*” (148).

“Alma” e “vizinha” formam um composto de expressividade inegalável em: “tirante ver o marido envelhecido igual —*vizinh alma*” (70).

Assim como no exemplo seguinte, onde a imagem das nuvens, “drapeadas” e “puxadas,” é descrita com “o céu sol, massas de luz, nuvens *drapuxadas*” (72).

A imagem de uma paisagem nebulosa nos é passada através do composto quase pleonástico “neblinuvens” em: “lugar tão vistoso: *neblinuvens*” (196).

Finalmente, o nome de um dos contos, “Tapiiraiuara,” revela uma composição resultante da fusão dos radicais tupis: “tapiira” que significa “anta,” junto à preposição “i” equivalente a “em” em português, e “aura,” que em tupi significa um tipo de arbusto que produz um cacho de frutas, segundo o *Dicionário Tupi Português*. O significado do título relaciona-se perfeitamente com a estória que é contada por um caçador, que, desde uma árvore, tenta salvar uma anta e seu filhote.

Além das composições por meio de justaposições e amálgamas, que formam um arsenal léxico onde cada palavra é quase um poema, encontram-se nos contos várias justaposições formadas por hífen. Apesar de terem também forte valor expressivo e função de síntese, não serão discutidas neste trabalho por não fazerem parte de um processo morfológico em si.

3. Outros Processos

A formação de palavras no português contemporâneo é exercida por meio de

outros processos, assim como abreviação, hibridismo e reduplicação. Nos contos analisados, este último foi encontrado em duas ocasiões:

O chão nenhuma calcadura marcava, aquele nem era chão, pedroenga, *ondeonde* os chatos cactos. . . . (52)

As quantas mulheres, *outroutravez*, contra acolá o muro. . . . (140)

Em ambos os casos, a reduplicação de radicais serve como elemento intensificador, pois o caráter repetitivo deste processo resulta num efeito enfático, e traz ao texto também um aspecto oralizante.

Procuramos, neste trabalho, classificar os neologismos de *Tutaméia* de acordo com os processos produtivos vigentes no português brasileiro, a fim de que se possa compreender melhor como a linguagem destes contos, permeada de palavras nunca antes vistas pelo leitor, logra ser tão criativa quanto expressiva. Discutimos alguns casos de derivação sufixal e prefixal, assim como os diferentes tipos de composição, usados na formação de palavras não dicionarizadas. Foi possível ver como o autor transpôs sua percepção de desenvolvimento da língua ao detectarmos o uso de prefixos e sufixos tanto polissêmicos quanto homonímicos, produtivos atualmente, assim como seu sucesso em compor palavras que originam um novo conceito, desta vez de maneira muito mais expressiva do que uma frase, devido à condensação de muitos significados em poucas palavras. Em entrevista a Gunter Lorenz, Guimarães Rosa justifica a necessidade de revitalização da palavra na obra literária, quando diz “esta língua deve ser hoje em dia uma língua criada pelo próprio autor, porque o material lingüístico existente basta ainda para prospectos de publicidade e de declarações políticas, mas não basta para a poesia, não basta para pronunciar verdades humanas” (66).

A liberdade e o experimentalismo da linguagem de *Tutaméia* faz com que seja um

dos textos mais heméuticos de toda a obra rosiana. Logo, resta-nos ainda um campo fértil para a análise lingüística de vários de seus aspectos. Como já foi mencionado, a sintaxe, o léxico, e a pontuação podem servir de matéria para análises deste tipo, as quais contribuirão para uma melhor compreensão da linguagem rosiana. Dentro destas perspectivas, pode-se ainda desenvolver análises de pontos mais específicos, como por exemplo dos compostos por hífen usados pelo autor para formar seqüências de palavras relacionadas; e da criação dos nomes dos personagens dos contos: Prudenciniano, Pedroandré, Joãoquerque, Siozorinho, Sequiabo e Roupalimpa são alguns dos exemplos de um vasto inventário de onde se pode obter matéria para uma análise que relacione estes nomes próprios compostos com o papel dos personagens nos contos.

É esta linguagem que separa Guimarães Rosa dos regionalistas que reproduziam particularidades lingüísticas de certas regiões, pois em toda sua obra, mas principalmente em *Tutaméia*, o autor logrou uma *renovação* da Linguagem. A catalogação dos neologismos teve por objetivo evidenciar a formação de palavras como um elemento importante na elaboração desta linguagem “renovada,” e a análise destes processos pôde revelar-nos a sensibilidade lingüística de Guimarães Rosa na transposição de processos morfológicos produtivos do português brasileiro ao texto literário.

Finalmente, após esta análise onde se procurou explorar como o autor utiliza as possibilidades da língua, vêm-nos a mesma pergunta que veio a Paulo Rónai depois de comentar alguns aspectos de *Tutaméia*:

Quantas vezes mesmo nesta breve cabra-cega preliminar, terei passado ao lado das intenções esquivas do contista, quantas vezes as suas negações me terão levado a interpretações erradas? Só poderia dizê-lo quem não mais o pode dizer; mas será que o diria? (220)

Notas

¹Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada durante a conferência anual de AATSP (American Association of Teachers of Spanish and Portuguese), em Phoenix, Arizona, de 11 a 13 de agosto de 1993.

²Gostaria de agradecer a Milton M. Azevedo pelos inúmeros e valiosos comentários feitos à primeira versão deste trabalho. O resultado final é, evidentemente, de minha inteira responsabilidade.

Obras Citadas

- Alves, I. M. "A Produtividade da Produtividade do Prefixo -não no Português Contemporâneo." *Ciência e Cultura* 39.11 (1987):1026-28.
- Buarque de Holanda, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- Cunha, Geraldo Antônio da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1982.
- Daniel, Mary Lou. *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*. Rio de Janeiro: Olympio, 1968.
- Guimarães Rosa, João. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Difel, 1985.
- Lorenz, Gunter. "Diálogo com Guimarães Rosa." *Guimarães Rosa*. Ed. Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 62-95.
- Martins, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo: Quieróz, 1989.
- Novis, Vera. *Tutaméia: Engenho e Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- Rónai, Paulo. "Tutaméia." *Guimarães Rosa*. Ed. Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 527-35.
- . Apêndice. *Tutaméia*. Por Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 1985. 213-25.
- Sandmann, Antônio J. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.
- . *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.
- Tibiriçá, Luís Caldas. *Dicionário Tupi Português*. São Paulo: Traço, 1984.
- Trigueiro, Edilberto. *A Língua e o Folclore da Bacia do São Francisco*. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.
- Ward, Terezinha Souto. *O Discurso Oral em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Duas Cidades, 1984.